

Programa

“As Muitas Histórias da Música Popular brasileira” apresentando “O Maxixe”.

Participação de Eliete e Banda da Polícia Militar de São Paulo

Produção e apresentação: Júlio Lerner

Participação especial: José Ramos Tinhorão

Assist. de produção: Amancio Pereira Neto

Diretor de TV: Emilio Rodrigues

Som: J. Ferreira

Cenário: Ferrara

Luz: Nivassil Gomes e Newton Medeiros

Câmaras: Ferraz, Garcia e Américo

Vídeo: Ricardo Oelling

VT: Lima, César, Sidnei, Eugênio, Leonardo, Paulo, Fernando e Carlos

Assistente de estúdio: Roldão Gomes

“Chô Araúna” (Artur Azevedo e Moreira Sampaio)

“Chô, chô, chô araúna

Deixa ninguém te pegar araúna

Chô, chô, chô araúna

Deixa ninguém te pegar araúna

Tenho dinheiro de prata, que zomba

Para casar com a mulata que zomba

Lá vai, lá vai, ó que zomba

Ó querida mariposa

Lá vai, lá vai, ó que zomba

Ó querida mariposa”

Júlio Lerner: Quando esta música foi criada pelos negros, talvez ainda no século XVIII, dizia-se que era um lundu. Ao ser levada para o teatro no século XIX, foi chamada de tango. Mas em 1885, quando o ator Correia Vasques dançou esta música no palco, exatamente como o povo já fazia em seus bailes e festas, lundu e tango viraram o maxixe. Hoje nós vamos contar as muitas histórias do maxixe.

(Vinheta contendo inúmeros trechos de gravações históricas de música popular brasileira).

Júlio Lerner: Maxixe... Maxixe... Nome estranho. Um nome lembrando coisas de antigamente. Meu caro José Ramos Tinhorão. Afinal de contas, o que é o maxixe?

José Ramos Tinhorão: O maxixe é uma forma de dançar qualquer música que apareceu aí por volta de meados do século passado. E a sua coreografia era tão característica, que toda música dançada daquele jeito acabava sendo chamada de maxixe.

J. Lerner.: Bem, isto quer dizer que, fundamentalmente, o maxixe é uma dança. Mas, Tinhorão, o maxixe-música, como é que se explica?

J. R. Tinhorão.: Se explica pelo fato dos compositores terem chegado à conclusão de que era preciso fazer um tipo de música para aquele jeito pela qual as músicas eram dançadas. E você quer um exemplo disso? O maxixe “Jocotó”.

“Jocotó” (Roque V. Vieira)

J. Lerner . : A presença da Banda da Polícia Militar de São Paulo neste programa implica numa explicação que se faz necessária. Isto porque, desde o século passado, foram sempre as bandas militares as melhores executantes do maxixe. Tenente-maestro Francisco Cabrerisso, maestro da Banda da Polícia Militar de São Paulo, o senhor se sentiu à vontade para ensaiar os maxixes que nós pedimos ao maestro Gabriel Milhori para instrumentar?

Maestro-tenente Francisco Cabrerisso: Perfeitamente. Eu me senti completamente à vontade não somente eu, como também os meus músicos, e assim foi possível nós realizarmos a gravação.

J. Lerner: Maestro, o senhor poderia nos dizer alguma coisa sobre as peculiaridades musicais do maxixe?

Maestro-tenente: O maxixe, falando-se em termos musicais, ele se assemelha bastante com o samba. Todavia ele é mais movimentado, tem mais notas, e tem umas anotações características do baixo, ou seja, da mão esquerda do piano. E isso que caracteriza mais o maxixe.

J. Lerner: Obrigado maestro. Isso tudo que o maestro Francisco Cabrerisso nos disse é apenas, e diz respeito apenas, sobre o maxixe-música. Mas o maxixe também foi cantado, não foi, Tinhorão?

J. R. Tinhorão: Foi seu Júlio, e muito! Aliás um dos mais antigos desses maxixes foi o “Maxixe da Guarda Velha” cantado e dançado no primeiro ato da revista Gavroche, de 1899.

J. Lerner: Pois bem, Tinhorão, é esse “Maxixe da Guarda Velha”, com letra de Arthur Azevedo, Arthur Azevedo, hein Tinhorão? E música do compositor paulista Nicolino Milano, que a cantora Eliete nos mostra agora, acompanhada da Banda da Polícia Militar.

“Maxixe da Guarda Velha” – 1º ato da revista” Gavroche” de 1899 (Nicolino Milano)

“Eu não sou de espalhafato

Eu não sou de imposturia

Não me falta (?)

E o meu chope é mais barato

Se vocês me olham de esguelha
Esse olhar não me acovarda
No jardim da Guarda Velha
Tenho a minha Velha Guarda
No jardim da Guarda Velha
Tenho a minha Velha Guarda

Toda noite em quantidades
Se acham lá velhos e moços
Que vão a (?)
Com (?)

E quando o freguês se entope
(?) (?) a engolir
Pede sempre mais um chope
Para se desentupir
Pede sempre mais um chope
Para se desentupir”

J. R. Tinhorão: Aliás, Júlio, para mostrar a confusão que existia em torno de maxixe, a compositora Chiquinha Gonzaga tinha composto dois anos antes um tango que era um maxixe. Chamava-se “Gaúcho”.

J. Lerner: O “Gaúcho”, tango brasileiro que Chiquinha Gonzaga, para aumentar ainda mais a confusão, resolveu chamar de corta-jaca. Hm. Mas vocês vão ver que na interpretação de Eliete e da Banda da Polícia Militar, trata-se de um autêntico maxixe.

“Gaúcho” Tango Brasileiro – Revista “Cá e Lá” (Chiquinha Gonzaga)

“Esta dança buliçosa é tão gostosa que todos querem dançar, dançar
Não há ricas baronesas nem marquesas, não saibam requebrar, requebrar
Não há ricas baronesas nem marquesas, não saibam requebrar

Ai, ai! Como é bom dançar, ai! Corta a jaca assim, assim, assim, bate com o pé
Ai, ai! Tem sentido tem, ai! Corta meu benzinho assim, assim, olé!
Ai, ai! Como é bom dançar, ai! Corta a jaca assim, assim, assim, mexe com o pé
Ai, ai! Tem sentido tem, ai! Corta a jaca assim, assim, assim”

J. R. Tinhorão: Esse “Gaúcho”, que apesar de ser chamado de tango, era maxixe, veja você seu Júlio, apesar de anunciado como “Gaúcho- dança do corta-jaca- tango”, ficou sendo mais conhecido como Corta-Jaca.

J. Lerner: Aliás, Tinhorão, essa Chiquinha Gonzaga fez cada uma... “Tango” ou “dança do corta-jaca”, bem, a verdade é que era de fato um maxixe. Ela continuou compondo maxixes.

J. R. Tinhorão: Exato. Um exemplo disso seria o tango “Não se Impressiona”, que aliás também era maxixe, e que acabou ficando conhecido apenas como “Forrobodó”.

“Forrobodó” Tango – “Não se Impressiona” (Chiquinha Gonzaga e Luiz Peixoto)

“Forrobodó de maçada
Gostoso como ele só
É tão bom como a cocada
É melhor que o pão de ló

Forrobodó de maçada
Gostoso como ele só
Xi, a zona está estragada!
Meu Deus, que forrobodó!

Tem enguiço, tem feitiço
Na garganta faz um nó
Então seu guarda, o que é isso?
Meu Deus, que forrobodó!

Mas então, pelo que vejo
Não apanho um frango só
Eu vejo que já não vejo
Meu Deus, que forrobodó!”

J. Lerner: Bem Tinhorão, a verdade é que, quer que com o nome de tango, ou com o nome de corta-jaca, o fato real é que o maxixe acabou se transformando num grande sucesso. Aliás, eu ouvi uma história de que até na França começaram a executar maxixes, é verdade?

J. R. Tinhorão: Parece brincadeira, mas aconteceu mesmo. O compositor se chamava Charles Borel Clerc, e não houve banda que não tocasse o seu “La Matichiche”.
“La Matichiche” Celebre Marche (Charles Borel Clerc)

J. Lerner: “La Matichiche” acabou sendo cantada até em paródias no Brasil, enquanto na França, em Paris u-la-la o dançarino baiano Amorim Diniz, o Duque [foto é mostrada], criava uma escola para ensinar os parisienses a dançar maxixe.

J. R. Tinhorão: E por sinal, seu Júlio, nós temos hoje presente aqui no estúdio a pessoa talvez mais bem informada no momento no Brasil para falar, não apenas sobre o Duque, mas sobre o maxixe: o jornalista e pesquisador de música popular Jota Efegê, que veio especialmente do Rio de Janeiro para este programa, e que está para lançar um livro sobre o maxixe, não é Efegê?

Jota Efegê: De fato deverá sair em novembro, o livro cujo título será, que me parece muito convidativo, “O maxixe – a dança excomungada”.

J. R. Tinhorão: Por que dança excomungada?

J. Efegê: Dança excomungada porque ela sofreu uma porção de sansões da moral e bons costumes, e essa campanha da moral e dos bons costumes associou-se implicitamente à Igreja. Então correu, e foi tido que havia sido excomungada pelo Papa, quando a dança não foi excomungada pelo Papa formalmente, mas houve a condenação de diversos bispos, conseqüentemente da Igreja no seu todo.

J. R. Tinhorão: Segundo eu sei, parece que o Duque chegou a dançar o maxixe perante o Papa pra provar que a dança não era indecente. Você chegou a alguma conclusão sobre isso?

J. Efegê: Não, nunca houve isso. Criou-se uma lenda de que ele havia dançado para o Papa. Em Paris, o arcebispo de **Cambré** disse que mandou buscar uma dançarina nos cabarés de Paris, no **jongue de lagulir**, aquela famosa **agulir** no **Molain Rouge**, para que dançasse para ele ver. Mas tudo isso ficou como anedotário, nunca se confirmou que nenhum bispo tinha mandado buscar alguém pra dançar pra ele. (?) por conta dessa boemia, dessa brincadeira do brasileiro, ou da boêmia como vocês gostam também de dizer.

J. R. Tinhorão.: Mas você que assistiu, viu, e conhece e conheceu os grandes maxixeiros do Rio de Janeiro da década de 20, você tem alguma razão pra essa proibição?

J. Efegê: Os grandes maxixeiros eu não conheci porque eu não sou tão velho como você deseja, mas sei das histórias deles todos e conheci alguns bons maxixeiros. Pra começar eu vou lhe mostrar o mais famoso maxixeiro que existiu. Chama-se **Tolosa**. Este homem foi o melhor dançarino de maxixe que houve. Em todos os concursos em que ele entrava ele ganhava os prêmios. O verdadeiro dançarino de maxixe é esse. Agora, é preciso que se diga que antes do Duque, porque o Duque estilizou o maxixe, e essa gente que dançava maxixe condenava o maxixe do Duque. Eles não queriam o maxixe que talvez apareça aqui neste programa, um pouco formal. Era o maxixe audacioso, contrariando todas as regras de decência. Houve também esse grande dançarino, **Lesute**, que era o primeiro rival do **Tolosa**. A este **Lesute** [foto é mostrada] se deve o lançamento de Vicente Celestino no teatro, como eu já contei em crônica publicada no Jornal do Globo há algum tempo.

J. R. Tinhorão.: Mas o papel do Duque, e parece que você tem fotografias do Duque aí e eu gostaria que você mostrasse, é que, naturalmente, como o maxixe dançado em meio de teatro, e em meio de baile e de categoria social inferior, ele era pra valer, quer dizer, ele era realmente julgado até obsceno, me parece que o papel do Duque foi estilizar o maxixe ao nível do salão. Não é isso?

J. Efegê: Exatamente. Para poder penetrar em Paris. Porque o maxixe era mais ou menos assim [foto é mostrada]. Isso é um aspecto de um baile de maxixe, daquele maxixe rude, castiço. Você por aí vê aquele sujeito de branco que aparece aí era deveras audacioso,

encaixando a perna, que hoje não se consentiria em salão nenhum, nem naquele tempo também porque a moral era mais rígida do que a de hoje. Então o Duque chegou e levou para Paris um maxixe estilizado mais ou menos nesses termos [foto é mostrada]. Vocês vão ver na fotografia que é um maxixe elegante, de casaca, a moça de vestido longo, eu creio que se chama longo, eu não sou bem entendido em especialista em moda. Não se conseguiria dançar o maxixe com aquela audácia nesses trajes. O maxixe não se dançaria nunca de casaca com aqueles arroubos coreográficos que o maxixe tinha.

J. R. Tinhorão: Você no seu livro, você tem alguma coisa que você considere uma revelação que resulte de pesquisa até hoje não efetuada por ninguém?

J. Efege: Revelação talvez não, mas posso documentar muita coisa do que foi dito aqui, ou que vai ser dito no correr do programa. Por exemplo, aqui está o disco da La Mattchiche que a banda executou, vocês devem ter ouvido aí a banda tocar La Mattchiche, que não tem nada que ver com maxixe [disco International Talking Machine Co. Odeon Record No.24988 com Orquestra regida por Kark. Guido Gialdini, assovio – Berlim]. É um compósito de música espanhola na segunda parte, é um pouco de can-can, lembra um pouco as músicas de Offenbach. Tem também aqui a primeira partitura de La Mattchiche, que foi anunciada como música baseada em motivos espanhóis [capa da partitura é mostrada, com a foto de um par dançante- acervo Almirante].

J. R. Tinhorão: Aliás você também parece que você levantou as primeiras pessoas que saíram do Brasil pra dançar, pra mostrar o exotismo do maxixe na Europa.

J. Efege: A primeira pessoa a dançar o maxixe... É preciso explicar bem, não se pode dançar o maxixe uma pessoa só, pode figurar, fazer uma demonstração. Foi isso que (?) dos Santos fez quando esteve em Paris em mil oitocentos e tanto. Pouco depois os Geraldos, o Geraldo e a *partner* dela a Nina, aí pode haver um equívoco porque o Geraldo teve três *partners*. Como todo mulato, ele era mulherengo. Mudava de mulher e era versátil na nacionalidade, tinha a brasileira e a tinha portuguesa. Essa parece que é a portuguesa [foto de os geraldos é mostrada].

J. R. Tinhorão: E ele aliás teve uma espanhola também, a Alda.

J. Efege: Dizem que ela era espanhola. Agora, a primeira mulher que dançou o maxixe com o Duque em Paris foi Marialina, que está aí [foto é mostrada]. Essa foi a primeira mulher que o Duque encontrou em Paris e se exibiu com ela, e daí conforme eu conto no livro, ser convidado para ficar dançando como atração no cabaré.

J. R. Tinhorão: Aliás, parece que ele teve uma escola de danças em Paris, não?

J. Efege: Parece não, ele teve uma escola de dança de fato e ensinava a dançar. Eu vou lhe mostrar aqui um artigo publicado por ele mostrando os passos, a figuração do maxixe. Isso é de uma revista chamada **Musica** que se editava em Paris. Ele aí mostra a movimentação dos passos [esquema com passos numerados é mostrado].

J. R. Tinhorão: Você acredita que o francês chegava a dançar seguindo os desenhos esquemáticos do Duque?

J. Efege: Essa afirmativa assim eu não tenho coragem de afirmar. Mas todo mundo dançava maxixe em Paris. Foi uma febre louca. Tem um capítulo no livro sobre o maxixe em Paris, que é um capítulo longo, onde eu conto tudo isso. Todo mundo dançava o maxixe.

J. R. Tinhorão: E você chegou a falar alguma coisa do maxixe dançado nos Estados Unidos?

J. Efege: Nos Estados Unidos houve apenas uma intervenção que não teve grande repercussão. Mas em Londres, uma londrina que assistiu ao Duque dançar maxixe em Paris se propôs a ensinar a dançar maxixe em Paris [n. do digitador: talvez ele tenha querido dizer “Londres”]. Está lá “Brasil Forever” [cartaz é mostrado- “Como se anuncia o maxixe em Londres” com uma série de anúncios de aulas de dança, em inglês]. Como se dançava... Acho que está marcado aqui tem aqui uma cruzinha.. quando eu assinalei.... uma cruzinha onde em assinalo o anúncio da inglesa anunciando que ensinava a dançar maxixe segundo o método o Duque.

J. R. Tinhorão: Agora, nos Estados Unidos, se não me engano, o Fred Astaire dançou um suposto maxixe em um filme.

J. Efege: Não foi bem Fred Astaire. Isso aconteceu numa fita na chamada (?) que aqui foi dada com o nome correto de Voando para o Rio. Então fazia-se (?) do maxixe com o nome de “Carioca”, e os americanos, muito escrupulosos, pediram autorização por intermédio de (?) para que se fizesse uma figuração disso. Eu não tenho aqui, não trouxe... se não teria que alugar um avião especial para trazer todo o material que eu tenho. Mas de fato houve isso. Houve uma imitação, mas confessada.

J. R. Tinhorão: Aliás você me contou que puseram o sujeito no avião, como é essa história? O americano botou o sujeito no avião levou nos Estados Unidos...

J. Efege: Ah, isso foi um filme que eles fizeram lá. E mandaram buscar aqui um grande bailarino de maxixe que estava lá no Rio, “chama-se Quito, atualmente é o melhor dançador de maxixe que nós temos aqui. No entanto (?) Ferreira, que anuncia luta de (?) lá no Rio e que dança bem, e toma conta da sala de diversões de jóquei, com o nome Matos, e tem o apelido de Paulista. E me parece que esses três são os remanescentes do maxixe em Paris.”

J. R. Tinhorão: Mas eu queria que você contasse aquela história de que o americano precisava de alguém pra dançar maxixe e mandou buscar no Brasil. Você me falou qualquer coisa disso.

J. Efege: Foi o Quito, justamente o Quito. O americano mandou buscá-lo aqui. E ele então voou com a companhia de uma dama, uma *partner* e dançou o maxixe e depois ele ficou dando lições de maxixe lá. Era essa o Quito, que está lá no Rio.

J. R. Tinhorão: Mas segundo você me conta, a história era mais interessante. O americano levou, fez ele dançar no estúdio e depois deu a passagem de volta e disse “pode voltar pro Brasil” agora, ele muito malandramente brasileiro, o que que ele fez?

J. Efege: A missão dele era só essa. A missão dele era apenas gravar pra uma cena qualquer, que como toda coisa precisava ser bem feita, então fizeram ele repetir quatro, cinco vezes, o que acontece em qualquer programa de televisão quando quer ser bem apurado. Tiraram a frequência que estava certa, encaixaram no filme, e mandaram ele embora. Mas ele não veio, ele pegou a passagem e vendeu. E ficou lá dando aula de maxixe.

J. R. Tinhorão: Agora que existe uma onda de nostalgia, uma revivescência de coisas passadas você que o maxixe tem chance?

J. Efege: Essa pergunta é bem oportuna porque o prefácio do meu livro será feito pelo professor Arthur Cezar Ferreira Reis, ex-presidente do Conselho Federal de Cultura, e atual membro deste conselho, ele diz isso: que se tentassem reviver o maxixe, que ele agradaria. Melhor do que esses exotismos coreográficos que se fazem aí, de iê-iê-iê, toda essa coisa que está aí e que não está vingando. Está acontecendo então esta nostalgia de voltar às origens. E creio que para uma apresentação aqui nesse programa em que louvadamente está se fazendo uma reconstituição das origens, das coisas peculiares da música brasileira em uma TV de bom gabarito como é essa, que vocês me trouxessem aqui pra isso. Porque o que se nota, é preciso que eu diga isso aqui, que se há uma contrafação terrível nas televisões comerciais visando apenas a projetar divertimento e não fazer um trabalho sério sobre música popular. Por isso eu estou muito à vontade aqui e gostei bastante de ter vindo aqui, e **ascendi** ao convite prazerosamente.

J. Lerner: Muito obrigado a você, Jota Efege, nós temos certeza de que seu livro será acompanhado com todo o sucesso. Bem, neste programa nós já falamos do maxixe-música. Falamos do maxixe-dança, do maxixe-coreografia. Trouxemos através do depoimento de Jota Efege uma visão histórica mais ampla e mais profunda. Mas nós não paramos por aí. As próprias letras dos maxixes sugerem situações bem próprias que definem uma época com um espírito e uma proposta musical. Um exemplo disso é o maxixe chamado “O Maxixe”.

“O Maxixe” (Pádua Machado e Domingos Correa)

“É o maxixe uma dança que faz a gente se irritar
Ver se a mulher bonita e o rapaz com ar de maxixar
É uma dança de todos querida não há quem não se enrabiche
Dá-nos vigor nos dá força e dá vida esse gostoso maxixe

Corpo unido, tendo a mão na cintura a apertar
É sabido que o resto é quebrar só quebrar
Que prazer tem a gente a dançar
Põe qualquer reumatismo bom e o remédio é só maxixar
Para dançá-la é preciso é mister, passo certo e ligeiro

Tendo esperto e (?) da mulher, e o rapaz brejeiro
Pagam-se se as dívidas e as tristezas, curam-se a dançá-lo
E nem à fala da polca francesa podemos compará-la”

J. R. Tinhorão: Na verdade, Júlio, antes da década de 1920 o maxixe servia para tudo. Antes Mesmo da Semana de Arte Moderna de 1922, quando o italiano Marinetti veio ao Brasil falar de futurismo literário, tudo virou maxixe [é mostrada a capa da partitura “Marinetti”, maxixe-futurista de Pedro Sá Pereira].

J. Lerner: E aqui em São Paulo, quando o telefone ainda era uma grande novidade, e para se falar com o vizinho era necessário contar com o auxílio da telefonista, o telefone também virou maxixe. Meu caro Tinhorão, a partir desse instante, nós vamos apresentar a coreografia do maxixe bem comportado. Você sabe que existe aqui em São Paulo um clube que reúne semanalmente aqueles indivíduos mais saudosos das épocas que passaram, do tempo que não volta mais em todos os aspectos, inclusive o musical, e que reúnem para dançar, para cultivar gêneros e ritmos que desapareceram de moda. Então, com a colaboração de dona Geni, de dona Alvinha de Paula, de Marino, e de Mário Belo, nós vamos a uma demonstração bem comportada.

“Central Cinco Zero” (Nino e Tupy)

J. R. Tinhorão: Depois que os compositores populares descobriram que o ritmo do maxixe se prestava para temas engraçados, nem a família escapou. O compositor carioca Álvaro Sandim chegou a compor um maxixe que se chamava “E Vem Vovó”.

“E Vem Vovó” (Álvaro Sandim)

“Dai-me um beijinho,
Dai-me um beijinho só
Olha, toma cuidado, e vem vovó e vem vovó
(bis)

Ó, ó, ó, ó
Só mesmo um beijinho só
Desperta o espertinho mesmo
E vem vovó e vem vovó

Quem me ensinou a nadar
Foi o peixinho do mar
Foi, foi, foi minha nega
Foi o peixinho do mar”

J. Lerner: E se o ritmo alegre do maxixe servia para fazer graça, naturalmente também servia para o carnaval. E numa época em que as avenidas do Rio de Janeiro se quer tinham arquibancadas durante os seus carnavais, os blocos cruzavam a massa e em meio ao povo gritavam “Arreda povo!.

J. R. Tinhorão: Pois não tem dúvida. “Arreda Povo” também foi nome de maxixe.

“Arreda Povo” maxixe carnavalesco (Afonso Rios)

J. Lerner: Mas Tinhorão, nós sabemos que, por volta de 1917, quando o samba pelo telefone fazia grande sucesso, nessa mesma época apareciam também os maxixes. Se o samba era o grande sucesso da época, os maxixes tinham condições de competir com eles?

J. R. Tinhorão: Com o nome de maxixe não. Mas disfarçados sob o nome de samba, aí sim. Isso aconteceu, por exemplo, em 1924 quando o compositor Romeu Silva lançou o seu samba “samba”, entre aspas, “Fubá”, que era um autêntico maxixe.

“Fubá” (Romeu Silva)

“Peguei no fubá, fubá caiu
Eu tornei a pegar, o fubá fugiu
Eu peguei no fubá, fubá caiu
tornei a pegar, o fubá fugiu

Não sei o que diga o que possa crer
É esse fubá que me faz sofrer
Não sei o que diga o que possa crer
É esse fubá que me faz sofrer

Carnaval na ponta os carapicus
Na alma eles são dos jecas-tatus
Carnaval na ponta os carapicus
Na alma eles são dos jecas-tatus”

J. Lerner: Mas Tinhorão, enquanto isso acontecia no Rio, o que que ocorria aqui em São Paulo?

J. R. Tinhorão: Em São Paulo os compositores faziam maxixe.

J. Lerner: Um exemplo: Zequinha de Abreu. Zequinha de Abreu, autor de “Tico Tico no Fubá”, autor da valsa “Branca”, Zequinha de Abreu cansou de fazer maxixe. Um desses maxixes foi “Casar não é Casaca”.

“Casar não É Casaca” (Zequinha de Abreu)

J. R. Tinhorão: Além de Zequinha de Abreu. Houve uma série de outros compositores paulistas que souberam compor maxixe com a mesma malícia dos compositores cariocas. Um deles foi Américo Jacomino, o violonista Canhoto.

J. Lerner: Canhoto... Canhoto porque, evidentemente, tocava com a mão esquerda. Canhoto que é o célebre autor de “Abismo de Rosas”, mas que, na hora de sapecar o seu

maxixe, parecia justificar-se da brincadeira escolhendo para título da música um nome que explicava tudo: “A Gente se Defende”.

“A Gente se Defende” (Américo Jacomino “Canhoto”)

J. Lerner: É, meus amigos, a gente se defende. Na próxima, semana nesse mesmo horário, nós voltaremos a contar novas histórias entre as muitas histórias de nossa música popular brasileira. Boa noite.

Duração: 47 min